

IABAA 2017 – Lives Outside the Lines: A Symposium in Honour of Marlene Kadar

Plenary Panel One: Marlene Kadar & Life Writing

Moderator: Eva C. Karpinski

Julie Rak, University of Alberta [julie.rak@ualberta.ca]

Marlene Kadar's Life Writing: Feminist Theory Outside the Lines

In 1992, as part of her landmark collection *Essays on Life Writing: From Genre to Critical Practice*, Marlene Kadar published the essay "Whose Life Is It Anyway? Out of the Bathtub and Into the Narrative." When taken with her introduction to the volume, Kadar created what should be a touchstone for everyone working in the field of life writing today. Kadar was the first critic to frame life writing as a way to name a genre and a critical practice together, but major works in life writing criticism focus only on life writing as a more capacious term for autobiographical and biographical representation, neglecting the ethics of criticism Kadar sought to bring to the study of the area and not crediting Kadar for the first feminist use of the term. I propose to remedy this gap in the life writing critical literature by reading Kadar's two early essays alongside her essay "The Devouring. Traces of Roma in the Holocaust: No Tattoo, Sterilized Body, Gypsy Girl" to see how Kadar thinks about life writing as a method that is deeply socially responsible to the texts, and to the traces of life that can be found in ephemeral documents.

A escrita da vida de Marlene Kadar: teoria feminista fora da linha

Em 1992, como parte da coleção 'Essays on Life Writing: From Genre to Critical Practice' [Ensaaios sobre escrita da vida: do gênero discursivo à prática crítica, em tradução livre], Marlene Kadar publicou o ensaio 'Whose Life Is It Anyway? Out of the Bathtub and Into the Narrative' [A vida é de quem? Saindo da banheira para entrar na narrativa]. Junto com a introdução do livro, também escrita por Kadar, o texto é um marco para qualquer um que trabalhe no campo da escrita da vida atualmente. Kadar foi a primeira crítica a colocar a escrita da vida como um gênero discursivo e uma prática crítica, enquanto outros trabalhos importantes sobre a escrita da vida a tratam apenas como um termo mais abrangente para representação autobiográfica e biográfica, ignorando a ética da crítica que Kadar buscou incluir nos estudos da área e deixando de dar a ela crédito pelo primeiro uso feminista do termo. Proponho preencher esta lacuna na literatura crítica sobre a escrita biográfica através da leitura de dois dos primeiros ensaios de Kadar, além do texto 'The Devouring: Traces of Roma in the Holocaust: No Tattoo, Sterilized Body, Gypsy Girl' [A voragem: traços dos roma no Holocausto: sem tatuagem, corpo esterilizado, jovem cigana]. Assim, pretendo mostrar a ideia que Kadar faz da escrita da vida como um método com uma profunda responsabilidade social com os textos e com os traços de vidas que podem ser encontrados em documentos efêmeros.

[Traduzido por Beatriz Vital - vitalb@riseup.net]

Julie Rak is a professor in the Department of English and Film Studies at the University of Alberta and the author of *Negotiated Memory* (2004) and *Boom! Manufacturing Memoir for the Popular Market* (2013). Her latest collection, with Anna Poletti, is *Identity Technologies: Constructing the Self Online* (2014). With Keavy Martin, she edited and reissued Mini Aodla Freeman's *Life Among the Qallunaat* (2016) with the full participation of the author. She is author of *Social Climbing: Gender in Mountaineering Narratives* (forthcoming).